

«Uma história brilhante! Um livro imperdível sobre os sonhos, os medos e a coragem de uma rapariga forçada a crescer antes do tempo.»

*The Guardian*



# A Rapariga do Casaco Azul



LIVRO  
MULTIPREMIADO

\*\*\*

Melhor Livro  
Para Jovens  
Adultos

Monica Hesse

TOP  
SEL  
LER

*Para a minha irmã, Paige,  
E para a irmã dela, Piper.*

Muito tempo antes de o Bas morrer, tivemos uma discussão a brincar sobre de quem era a culpa de ele se ter apaixonado por mim. *A culpa é tua*, disse-me. *Porque és fácil de amar*. Disse-lhe que estava errado. Que era preguiçoso estar a colocar a culpa do seu amor sobre os meus ombros. Preguiçoso e irresponsável, até.

Lembro-me de todos os detalhes desta conversa. Estávamos na sala de estar dos pais dele e ouvíamos o rádio novo da família enquanto lhe fazia perguntas para estudarmos para um teste de geometria que nenhum dos dois achava importante. A cantora americana Judy Garland cantava «You Made Me Love You». Foi assim que a conversa começou. O Bas disse que eu fizera com que ele me amasse. E eu fiz pouco dele porque não queria que se apercesse de como o meu coração batia descompassado ao ouvi-lo dizer estas palavras.

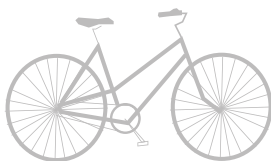
Depois disse que eu também era culpada de ele me querer beijar. E eu respondi que se o deixasse, a culpa seria sua. Foi então que o seu irmão mais velho entrou na sala e disse que se ficasse maldisposto e enjoado de tanto nos ouvir, a culpa era nossa.

Só mais tarde nesse dia, quando ia a pé para casa — numa altura em que ainda podia ir a pé para casa sem ter medo de ser parada por soldados, ou de ultrapassar a hora do recolher obrigatório, ou de ser presa — me apercebi que não cheguei a retribuir. A primeira vez que o Bas me disse que me amava, eu não lhe disse que o amava também.

Devia tê-lo feito. Se soubesse o que ia acontecer e o que viria a descobrir sobre o amor e sobre a guerra, ter-me-ia certificado de que o dizia.

Isso sim, é culpa minha.

JANEIRO DE 1943



## UM

*Terça-feira*

— **H**allo, querida. O que levas aí? É alguma coisa para mim? Paro porque o soldado tem um rosto jovem e bonito, porque a voz tem um certo tom alegre e porque aposto que seria capaz de me fazer rir durante uma *matiné* no cinema.

Isto é mentira.

Paro porque o soldado pode ser um bom contacto, porque pode conseguir obter coisas que nós já não conseguimos e porque as gavetas da sua cómoda devem estar cheias de chocolates e meias sem buracos nos dedos.

Esta também não é bem a verdade.

Mas por vezes ignoro a verdade completa porque é mais fácil fazer de conta que tomo decisões por razões racionais. É mais fácil fazer de conta que tenho escolha.

Paro porque o uniforme do soldado é verde. É este o único motivo que me leva a parar. Porque o uniforme dele é verde e isto

significa que não tenho escolha absolutamente nenhuma a não ser parar.

— Isso são muitos pacotes para uma menina tão bonita.

O holandês dele tem um ligeiro sotaque, mas fico surpreendida por ele o falar tão bem. Alguns Polícias Verdes não falam de todo a língua e ficam aborrecidos quando não somos fluentes em alemão, como se tivéssemos obrigação de nos prepararmos durante toda a vida para o momento em que as suas tropas iam invadir o nosso país.

Paro a bicicleta, mas não desmonto.

— Acho que é o número exato de pacotes.

— O que levas aí? — Debruça-se sobre o guiador, com uma mão por cima do cesto preso à frente.

— Gostavas de ver, não gostavas? Aposto que gostavas de abrir todos os meus pacotes! — digo, com uma risadinha e a seguir baixo as pálpebras, para ele não perceber como esta fala é perfeitamente ensaiada. Da forma como estou apoiada na bicicleta, o vestido sobe-me para cima do joelho e o soldado repara. O vestido é azul-marinho, já me está mais apertado do que devia; já o tinha antes da guerra e por isso tem vários anos e as bainhas desfiadas. Mudo um pouco a posição e o vestido sobe ainda mais, até meio das minhas coxas arrepiadas.

Se ele fosse mais velho, se tivesse rugas, os dentes amarelados ou uma barriga pendurada, esta interação pareceria pior. Seria pior, mas eu continuaria a namorar com ele da mesma forma. Já o fiz uma dúzia de vezes.

Ele aproxima-se mais. Atrás dele, o canal Herengracht é escuro e cheira a peixe; podia empurrá-lo para lá e percorrer metade do caminho até casa na minha pobre bicicleta em segunda mão antes de ele conseguir sair da água. É uma espécie de jogo que gosto de fazer de cada vez que um Polícia Verde me detém. *Como podia castigar-te e até onde conseguiria ir antes que me apanhasses?*

— Este é um livro que vou levar para a minha mãe — digo, apontando para o primeiro volume embrulhado em papel. — E estas são as batatas para o nosso jantar. Aqui tenho uma camisola que foi para remendar.

— *Hoe heet je?* — Quer saber o meu nome e está a perguntar-mo de forma informal, casual até, como faria um rapaz confiante se estivesse numa festa e quisesse saber o nome da rapariga com os dentes de coelho. Isto é um boa notícia, porque prefiro mil vezes que ele se interesse por mim do que pelos pacotes que levo no cesto da bicicleta.

— Hanneke Bakker. — Até lhe podia mentir, mas não vale a pena. Agora andamos todos com os documentos de identificação, que são obrigatórios. — E *tu*, soldado, como te chamas?

Quando lhe chamo *soldado*, ele empertiga o peito. Os mais jovens ainda estão muito apaixonados pelo uniforme. Quando se mexe vejo uma centelha de ouro em volta do seu pescoço.

— E o que tens nesse medalhão? — pergunto.

O sorriso dele vacila ligeiramente e a mão dirige-se ao medalhão que balança mesmo por baixo do colarinho. O medalhão é de ouro, em forma de coração, provavelmente com uma fotografia de uma rapariga alemã com rosto em forma de maçã, que lhe prometeu fidelidade até ele voltar para Berlim. Foi arriscado fazer esta pergunta, mas se eu estiver correta vai revelar-se a pergunta certa. Como sempre.

— É uma fotografia da tua mãe? Ela deve amar-te *muito*, para te dar um fio tão bonito.

O rosto dele fica muito corado enquanto volta a esconder o fio por baixo do colarinho engomado.

— Ou é da tua irmã? — insisto. — Do teu cãozinho de estimação? — O equilíbrio não é fácil. Preciso de transmitir a dose certa de ingenuidade. As minhas palavras têm de ter inocência suficiente para não se justificar que fique zangado comigo



e devem também ser suficientemente mordazes para preferir ver-se livre de mim e parar de me interrogar sobre o que levo no cesto. — Nunca te vi por aqui — digo. — Estás nesta rua todos os dias?

— Não tenho tempo para raparigas tontinhas como tu. Vai para casa, Hanneke.

Quando me afasto a pedalar, o meu guiador mal estremece. Estava a dizer-lhe basicamente a verdade em relação aos pacotes. Os primeiros três têm de facto um livro, algumas batatas e uma camisola. Mas por baixo das batatas estão salsichas no valor de quatro cupões, compradas com as senhas de um defunto; e por baixo das salsichas tenho batons e cremes, comprados com as senhas de outro morto. Por baixo dos cremes, trago cigarros e álcool, comprados com o dinheiro que o Sr. Kreuk, o meu patrão, me entregou hoje de manhã unicamente para este propósito. Nenhum destes artigos é meu.

A maior parte das pessoas diria que negoceio no mercado negro, o submundo ilícito da troca de bens. Eu prefiro pensar que sou aquela que encontra. É isso que faço, encontro coisas. Encontro batatas extra, carne e banha. No início conseguia encontrar açúcar e chocolate, mas recentemente tem sido mais difícil e nem sempre consigo. Encontro chá. Encontro bacon. Os cidadãos ricos de Amesterdão continuam anafados graças a mim. Encontro-lhes coisas de que fomos obrigados a prescindir, a não ser que se saiba onde procurar.

Em relação à última pergunta que fiz ao soldado, sobre se aquela rua era o seu posto habitual — quem me dera que ele tivesse respondido. Porque se agora estiver todos os dias ao serviço naquela esquina, das duas uma: ou tenho de pensar em estabelecer uma amizade com ele, ou em mudar de rota.

Hoje de manhã, a minha primeira entrega é a Menina Akkerman, que vive com os avós num dos edifícios antigos perto dos museus.



O batom e os cremes são para ela. Na semana passada levei-lhe perfume. Ela é das únicas mulheres que conheço que ainda se preocupa com estas coisas, mas disse-me que esperava que o namorado a pedisse em casamento antes do seu próximo aniversário, há motivos mais estranhos para gastar dinheiro.

Ela vem abrir a porta com o cabelo molhado preso com ganchos. Deve ter um encontro com o Theo hoje à noite.

— Hanneke! Entra, enquanto vou buscar a minha carteira.  
— Ela arranja sempre uma desculpa para me convidar a entrar. Acho que deve aborrecer-se durante o dia, sozinha com os avós, que falam muito alto e cheiram a couves.

O interior da casa é abafado e sombrio. O avô da Menina Akkerman está na cozinha, sentado à mesa do pequeno-almoço.

— Quem está aí? — grita ele.

— É uma entrega, avô — diz a Menina Akkerman por cima do ombro.

— É quem?

— É para *mim!* — vira-se novamente para mim e baixa a voz.  
— Hanneke tens de me ajudar. O Theo vem cá hoje à noite para pedir aos meus avós se posso ir viver com ele no seu apartamento. Preciso de descobrir o que vou vestir. Não saias daqui; vou mostrar-te quais são as minhas opções.

Não me ocorre nenhum vestido que faça com que os avós aprovem o facto de a neta ir viver com o namorado antes de se casarem, embora saiba que não seria a primeira vez que a guerra leva um casal jovem a ignorar a tradição.

Quando a Menina Akkerman regressa ao *hall* de entrada, faço de conta que avalio os dois vestidos que trouxe, mas na verdade estou a olhar para o relógio de parede. Não tenho tempo para socializar. Depois de a aconselhar a vestir o cinzento, faço sinal para que aceite os pacotes que tenho nas mãos desde que cheguei.

— Estes são seus. Quer certificar-se de que está tudo em ordem?

— Tenho a certeza de que está tudo bem. Queres um café?

Nem me dou ao trabalho de perguntar se é café de verdade. A única forma de ela ter café verdadeiro era se lho tivesse trazido, e não trouxe, por isso quando diz que tem café está na verdade a referir-se a bolotas e galhos moídos. Café a fingir.

O outro motivo pelo qual não fico é o mesmo que me leva a recusar sempre que a Menina Akkerman me diz para a tratar por Irene. Porque não quero que ela confunda esta relação com uma amizade. Porque não quero que pense que se um dia não me puder pagar, não faz mal.

— Não posso. Ainda tenho de fazer mais uma entrega antes do almoço.

— Tens a certeza? Podias almoçar aqui — vou fazê-lo já a seguir — e depois podíamos decidir o que vou fazer com o meu cabelo para esta noite.

Tenho uma relação estranha com os meus clientes. Eles acham que somos camaradas. Acham que estamos unidos pelo segredo das ilegalidades que cometemos juntos.

— Eu almoço sempre em casa, com os meus pais — respondo.

— Claro que sim, Hanneke. — Está envergonhada por ter insistido tanto. — Nesse caso, vemo-nos depois.

—

Na rua, enquanto pedalo na minha bicicleta sobre as nossas ruas estreitas e perigosas, o céu está nublado e sombrio — é o inverno de Amesterdão. A cidade foi construída sobre os canais. Todo o território holandês é baixo, ainda mais baixo do que o nível do mar e os agricultores que limpam os campos há tantos

séculos criaram um elaborado sistema de canais, só para evitar que os cidadãos se afogassem nas águas do Mar do Norte. Tive um velho professor de História que costumava acompanhar este facto do nosso passado com um ditado popular: «Deus fez o mundo e os holandeses fizeram os Países Baixos». Dizia isto com grande orgulho, mas para mim este ditado sempre foi também um aviso: «Não contem com ninguém para nos salvar. Estamos completamente sozinhos aqui.»

Há dois anos e meio e a 75 quilómetros para sul, no início da ocupação alemã, os aviões alemães bombardearam Roterdão. Mataram 900 civis e destruíram grande parte da arquitetura da cidade. Dois dias depois, os alemães chegaram a Amesterdão, a pé. Hoje, temos de aguentar a sua presença, mas pelo menos pudemos ficar com os nossos edifícios. É uma troca fraca. Atualmente todas as trocas são fracas, a não ser que, como eu, se saiba como ficar do lado lucrativo das coisas.

A minha cliente seguinte, a Sra. Janssen, vive a uma curta distância, numa grande casa azul que costumava partilhar com o marido e os três filhos, até que um deles foi viver para Londres, outro se mudou para a América e o terceiro filho, o bebé da família, foi para a linha da frente das tropas holandesas, numa altura em que dois mil homens morreram ao tentarem proteger as nossas fronteiras, sem sucesso, enquanto o país inteiro caía, em apenas cinco dias. Já não falamos muito do Jan.

Mas questiono-me se estaria perto do Bas durante a invasão.

Agora questiono-me sobre isto tudo, porque tento reconstruir os últimos minutos de vida do rapaz que amava. Estaria o Jan com o Bas? Ou o Bas morreu sozinho?

O marido da Sra. Janssen desapareceu no mês passado, mesmo antes de ela se tornar minha cliente e nunca mais lhe perguntei nada sobre isso. Ele podia ser um trabalhador ilegal da Resistência, ou pode ter estado simplesmente no sítio errado à hora errada,

ou pode não estar morto de todo e ter insistido em ir a Inglaterra beber chá com o filho mais velho, mas seja lá como for, não me diz respeito. Até agora, entreguei poucas coisas à Sra. Janssen, mas conheci um pouco o seu filho mais novo. Ele foi um bebé surpresa, nasceu duas décadas depois dos irmãos, quando os Janssen já tinham o cabelo grisalho e as costas curvadas. O Jan era um rapaz simpático.

Hoje, aqui mesmo, decido que o Jan deve ter estado ao lado do Bas quando os alemães entraram de rompante no nosso país. Hoje, aqui mesmo, acredito que o Bas não morreu sozinho. É um pensamento mais otimista do que aqueles que normalmente me permito ter.

A Sra. Janssen está à minha espera à porta, o que me deixa irritada, porque se eu fosse um soldado alemão destacado para procurar situações suspeitas, o que pensaria de uma velhota à porta, à espera de uma rapariga de bicicleta?

— Bom dia, Sra. Janssen. Não era preciso ficar aqui à minha espera. Como está?

— Estou ótima! — grita, como se estivesse a ler deixas de uma peça de teatro, enquanto toca com nervosismo nos caracóis brancos que se escapam do carrapito. O cabelo dela está sempre apanhado num carrapito e os óculos sempre na ponta do nariz; as roupas fazem-me lembrar um cortinado ou um sofá. — Não queres entrar?

— Não consegui encontrar a quantidade de salsichas que me pediu, mas tenho aqui algumas — digo, depois de parar a bicicleta e de a porta se fechar atrás de nós. Ela movimenta-se devagar; já caminha com a ajuda de uma bengala e é muito raro sair de casa. Disse-me que arranjou a bengala quando o Jan morreu. Não sei ao certo se há alguma coisa de fisicamente errado com ela ou se o desgosto a quebrou ainda mais e a deixou coxa.

Por dentro, a sala de estar parece mais espaçosa do que o habitual e demoro uns instantes a perceber porquê. Normalmente há

uma *opklapbed*, que é uma pequena cama embutida que parece uma estante e que pode ser puxada para baixo quando se tem visitas. Presumo que foi o Sr. Janssen quem a fez, porque foi ele quem fez os móveis todos da casa. Eu e a minha mãe costumávamos passar pela sua loja de móveis e admirar as montras, mas nunca pudemos comprar-lhe nada. Não imagino para onde terá ido a cama embutida. Se a Sra. Janssen a vendeu tão pouco tempo depois do desaparecimento do marido, então pode estar já com dificuldades económicas. No entanto, não vou deixar que isto me preocupe, a não ser que signifique que não me pode pagar.

— Queres café, Hanneke? — A Sra. Janssen desaparece à minha frente para a cozinha, por isso vou atrás dela. Tenho intenções de recusar a oferta, mas ela já pôs na mesa duas das suas chávenas de porcelana boa, azul e branca, do famoso estilo da cidade de Delft. A mesa é de madeira de bordo e muito pesada.

— Tenho aqui as salsichas, se quiser...

— Depois — interrompe-me. — Depois. Primeiro vamos tomar um café, comer um biscoito de calda<sup>1</sup> e conversar um bocadinho.

Ao lado dela está uma lata coberta de pó que cheira a terra. São grãos de café verdadeiros. Pergunto-me há quanto tempo os andarás a poupar. E os biscoitos de calda também. As pessoas não usam as senhas de racionamento de padaria para comprar biscoitos finos; usam-nos para comprar pão. Por outro lado, também não os usam para alimentar raparigas que trabalham no mercado negro e aqui está a Sra. Janssen, a servir-me café numa chávena de porcelana e a colocar um biscoito de calda por cima, para este amolecer com o vapor e o xarope açucarado do interior começar a passar lentamente pelos rebordos.

— Senta-te, Hanneke.

---

<sup>1</sup> Biscoito de calda, ou *stroopwafel*, é um biscoito típico da Holanda que consiste em duas partes de massa fina com caramelo no meio. [N. do E.]

— Não estou com fome — digo, ao mesmo tempo que o meu estômago me trai com um rugido.

*Estou* com fome, mas há qualquer coisa que me deixa nervosa; os biscoitos em cima da mesa, a ansiedade da Sra. Janssen para que me sente e toda a irregularidade desta situação. Terá ela chamado a Polícia Verde com a promessa de lhes entregar uma trabalhadora do mercado negro? Uma mulher suficientemente desesperada para vender uma cama feita pelo marido pode muito bem fazer uma coisa destas.

— Só um minutinho?

— Desculpe, mas tenho mil coisas para fazer hoje.

Ela olha fixamente para a mesa, tão bem posta.

— O meu mais novo. O Jan. Estes biscoitos eram os preferidos dele. Costumava tê-los à sua espera quando ele vinha da escola. Eras amiga dele? — Sorri-me com um ar esperançoso.

Suspiro. Ela não é perigosa; está apenas a sentir-se sozinha. Tem saudades do filho e quer oferecer o seu lanche favorito a uma das amigas de escola. Isto vai contra todas as minhas regras e o tom suplicante da sua voz deixa-me desconfortável. Mas está frio lá fora, o café é verdadeiro e, apesar do que disse à Sra. Janssen sobre as mil tarefas que tenho para cumprir, a verdade é que os meus pais só me esperam para almoçar daqui a uma hora. Por isso pouse o pacote das salsichas em cima da mesa, aliso o cabelo e tento recordar-me de como ser uma convidada educada numa visita social. Já soube como fazer isto. A mãe do Bas costumava servir-me chocolate quente na cozinha, quando estávamos a estudar e depois arranjava sempre desculpas para nos ir espiar, para ver se não estávamos só aos beijos.

— Há muito tempo que não como um biscoito de calda — digo finalmente, tentando resgatar a minha enferrujada capacidade de conversação. — Os meus favoritos sempre foram os rolos de Natal.

— Aqueles com recheio de pasta de amêndoa?

— Humm-humm.

O café da Sra. Janssen está a esaldar e tem um sabor forte que atua como uma suave anestesia. Queima-me a garganta, por isso continuo a beber e quase não me apercebo da quantidade que já bebi até pousar a chávena no pires e reparar que está a meio. A Sra. Janssen volta a enchê-la de imediato até cima.

— O café é bom — digo-lhe.

— Preciso da tua ajuda.

Ah.

E eis que o propósito do café se torna evidente. Está a oferecer-me um presente. E agora quer um favor. É uma pena não se ter apercebido de que não preciso de graxa. Trabalho por dinheiro, não por bondade.

— Preciso da tua ajuda para encontrar uma coisa — diz a Sra. Janssen.

— Do que precisa? De mais carne? De querosene?

— Preciso da tua ajuda para encontrar uma pessoa.

A chávena para a meio caminho dos meus lábios e por instantes não consigo lembrar-me se estava a levantá-la ou a pousá-la.

— Preciso da tua ajuda para encontrar uma pessoa — repete, porque ainda não lhe respondi.

— Não estou a entender.

— É alguém especial para mim. — Olha por cima do meu ombro e sigo a linha do seu olhar até ao ponto em que se pousa sobre um retrato de família, pendurado ao lado da porta da despensa.

— Sra. Janssen. — Tento pensar na forma mais correta e educada de lhe responder. O que devia dizer-lhe é *O seu marido desapareceu. O seu filho está morto. Os seus outros filhos não vão voltar.* Não consigo encontrar fantasmas. Não tenho senhas de racionamento que possam substituir um filho morto.



— Sra. Janssen, eu não encontro pessoas. Encontro coisas. Comida. Roupas.

— Preciso que encontres...

— Uma pessoa, já me disse. Mas se quer encontrar uma pessoa, tem de ir à polícia. É deles que precisa se quer encontrar alguém.

— Preciso de *ti*. — Debruça-se por cima da mesa. — Não preciso da polícia. Preciso de *ti*. Não sei a quem mais pedir.

Ao longe, o relógio da igreja de Westerkerk dá as horas; são 11h30. Devia estar a sair agora.

— Tenho de ir. — Empurro a cadeira para longe da mesa. — A minha mãe já deve ter feito o almoço. Quer pagar agora as salsichas ou prefere que o Sr. Kreuk as ponha na sua conta?

Ela também se levanta, mas em vez de me acompanhar até à porta, pega-me na mão.

— Dá só uma vista de olhos, Hanneke. Por favor. Dá só uma vista de olhos antes de ires embora.

Porque nem eu estou suficientemente embrutecida para sacudir a mão a uma idosa, sigo-a em direção à despensa e paro obedientemente para olhar para a fotografia dos filhos pendurada na parede. Estão em fila, lado a lado com orelhas grandes todas iguais e pescoços longos. Mas a Sra. Janssen não para em frente à fotografia. Em vez disso, abre a porta da despensa.

— Por aqui. — Gesticula para que vá atrás dela.

*Ora bolas.* Caramba, que a senhora está mais maluca do que pensei. Agora vamos sentar-nos no escuro, juntinhas por entre os frascos de pickles, para comungar com o filho morto. O mais certo é guardar ali as roupas dele, em sacos com bolas de naftalina.

O interior é igual ao de qualquer despensa: o espaço é curto e as paredes têm prateleiras de especiarias e latas de conservas, não tão cheias como estariam antes da guerra.

— Desculpe, Sra. Janssen, mas não sei...

— Espera. — Leva a mão ao fundo da prateleira das especiarias e levanta um pequeno gancho em que não tinha reparado.

— O que está a fazer?

— É só um minuto. — Mexe no trinco. Subitamente, todo o conjunto de prateleiras se move para fora, revelando um espaço escuro atrás da despensa, comprido e estreito, suficientemente grande para andar de pé, mas demasiado escuro para se ver alguma coisa.

— O que é isto? — murmuro.

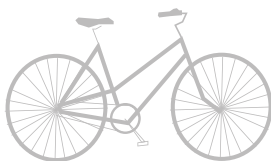
— Foi o Hendrik que o construiu para mim — diz. — Quando os rapazes eram pequenos. Era um espaço pouco eficiente — fundo e inclinado — por isso pedi-lhe que fechasse uma parte para fazer uma despensa e deixasse a outra parte para arrumos.

Os meus olhos adaptam-se à falta de luz. Estamos por baixo do vão das escadas. O teto vai ficando cada vez mais baixo até que, na parte de trás, não tem mais do que meio metro de altura. Na parte da frente, há uma prateleira ao nível dos olhos com uma vela meio ardida, um pente e uma revista de cinema cujo título reconheço. A maior parte do minúsculo espaço está ocupada pela cama embutida da Sra. Janssen, que julguei que desaparecera. Está aberta, como se esperasse algum convidado. Tem uma colcha com um padrão de estrelas e uma única almofada. O espaço não tem janelas. Quando a porta está fechada, só se deve ver uma minúscula nesga de luz rente ao chão.

— Entendes agora? — Ela volta a pegar-me na mão. — É por isto que não posso chamar a polícia. A polícia não pode encontrar alguém que supostamente já não existe.

— A pessoa que desapareceu.

— A pessoa que desapareceu é uma rapariga judia — diz a Sra. Janssen. — E preciso que a encontres antes dos nazis.



## DOIS

**A**Sra. Janssen continua à espera que lhe responda, ali de pé no espaço escuro, onde o ar é bafiento e cheira levemente a batatas velhas.

— Hanneke?

— Estava a esconder alguém? — Mal consigo pronunciar as palavras enquanto ela volta a prender a prateleira secreta, fecha a porta da despensa e me leva novamente para a mesa. Não sei se estou mais chocada ou assustada. Sei que isto acontece, que alguns dos judeus que desaparecem se amontoam nas caves de outras pessoas como se fossem os cobertores de inverno, para não serem transferidos para os campos de trabalho. Mas isto é demasiado perigoso para se admitir sequer em voz alta.

A Sra. Janssen assente respondendo à minha pergunta.

— Estive, sim.

— Aqui dentro? Escondeu uma pessoa *aqui dentro*? Durante quanto tempo?

— Por onde hei de começar? — Pega no guardanapo e torce-o entre as mãos.

Não quero de todo que ela comece a falar. Há dez minutos estava preocupada que a Sra. Janssen pudesse ter chamado alguém para me prender; agora sei que quem corre o risco de ir presa é ela. A pena para o crime de esconder pessoas é a cadeia, uma cela húmida e fria em Scheveningen, e já ouvi dizer que as pessoas lá desaparecem durante meses, sem direito a uma audiência. A pena para as pessoas que se escondem — os *onderduiker* — é a deportação imediata.

— Deixe lá — digo rapidamente. — Não se incomode. Não preciso de ouvir nada. Vou-me embora.

— Porque não voltas a sentar-te um bocadinho? — implora. — Estive toda a manhã à tua espera. — Levanta o bule de café. — Queres mais? Podes beber o que quiseres. Mas senta-te. Se não me ajudares, vou ter de encontrar outra pessoa.

Estou aqui, no meio da cozinha, inundada por sentimentos contraditórios. Não quero o café que é como um suborno. Mas estou presa ao chão. Não devia ir-me embora, pelo menos não enquanto não souber um pouco mais da história. Se a Sra. Janssen tentar encontrar outra pessoa, pode estar a colocar-se em perigo, e a mim também.

— Conte-me o que aconteceu — peço finalmente.

— O sócio do meu marido — começa a dizer a Sra. Janssen, com as palavras a atropelarem-se. — O sócio do meu marido era um bom homem. Chamava-se Sr. Roodveldt. Trabalhou com o Hendrik durante dez anos. Ele tinha uma mulher, a Rose, que era muito *tímida* — porque era um bocadinho sopinha de massa e isto deixava-a muito constrangida — mas tricotava as coisas mais bonitas que se possa imaginar. Tinham duas filhas.

A Lea, que era a bebé da família e que mal tinha feito 12 anos. E tinham uma filha mais velha, com 15 anos, uma menina independente que estava sempre com as amigas. Mirjam. — A garganta contraiu-se ao mencionar o último nome e engoliu em seco antes de continuar.

— Os Roodveldts eram judeus. Não muito participativos das tradições e inicialmente este facto parecia fazer diferença. Claro que não fez. O David disse ao Hendrik que ia correr tudo bem. Conheciam uma senhora no campo que os ia acolher. Mas este plano não se concretizou porque a senhora ficou com demasiado medo e em julho, depois da grande razia, quando tantos judeus foram levados, o David veio ter com o Hendrik e disse-lhe que ele e a família precisavam de ajuda para se esconderem.

— E o Hendrik trouxe-os para aqui? — perguntei.

— Não. Ele não quis colocar-me em perigo, por isso levou-os para a loja de móveis. Construiu uma sala secreta para os Roodveldts por trás de uma parede falsa, nos fundos da carpintaria. Eu não sabia de nada.

— *Não sabia* de nada? — Não conseguia imaginar os meus pais a conseguirem esconder um segredo destes um do outro.

— Percebia que o Hendrik estava a passar mais tempo na loja. Mas pensei que estava a trabalhar mais porque o David já não estava por ali para o ajudar. Pensava que os Roodveldts já tinham ido para a casa do campo. Não sabia que estavam todos aqui, escondidos.

— Quando é que o seu marido lhe disse?

— Não disse. O mês passado, estava sozinha em casa quando ouvi uma batida na porta. Já passava da hora do recolher obrigatório e alguém batia de forma frenética. Pensei que o Hendrik se tivesse esquecido da chave, mas quando abri a porta encontrei uma rapariga muito pálida, com um casaco azul. Estava tão crescida. Já não a via há alguns anos e se não se tivesse apresentado,

não a teria reconhecido. Disse-me que o meu marido os escondeu na loja, mas que agora precisava de outro lugar seguro para se esconder. Disse que todos os que estavam na loja tinham morrido.

— Mirjam Roodveldt.

A Sra. Janssen assente.

— Ela estava a *tremar*, estava tão assustada. Contou-me que, na noite anterior, os nazis entraram de rompante na loja e foram diretos à carpintaria. Alguém traiu o Hendrik, um funcionário ou um cliente. O Hendrik não queria mostrar-lhes o esconderijo; fez de conta que não sabia do que falavam. Como ele não falava, os oficiais começaram a ameaçá-lo. O David ouviu e tentou ajudar. Mas os oficiais vinham armados.

Engole em seco enquanto inspira.

— Quando o tiroteio acabou, o Hendrik estava morto, assim como o David, a Rose e a Lea. Só a Mirjam conseguiu escapar.

Deve ter sido um caos absoluto. Já ouvi falar de pessoas que eram detidas, enviadas para longe e que nunca mais regressavam. Mas *quatro pessoas*, incluindo uma mulher e uma criança, mortas assim a sangue frio?

— Como é que a Mirjam conseguiu escapar? — pergunto.  
— Se eles mataram toda a gente. Como é que uma rapariga tão jovem consegue fugir de nazis armados?

— A casa de banho. A loja tem uma casa de banho na parte da frente. Os Roodveldts podiam usá-la depois de a loja fechar ao público. Quando os nazis chegaram, a Mirjam tinha acabado de entrar na casa de banho para se preparar para ir para a cama. Quando ouviu os tiros, fugiu pela janela e foi para o único sítio seguro que lhe ocorreu. A minha casa. Isto foi há três semanas. E escondi-a aqui até ontem à noite.

— O que aconteceu ontem à noite?

A Sra. Janssen leva a mão ao bolso da camisola e tira um pedaço de papel dobrado.

— Escrevi tudo para te poder relatar com exatidão como as coisas aconteceram.

Percorre a primeira linha com o indicador.

— Ontem ao meio-dia, a Mirjam estava cá, porque a essa hora fui levar-lhe um pouco de pão e uma cópia do *Het Parool*. Ela gostava de ler repetidamente as notícias sobre as atividades secretas e memorizava tudo, até os anúncios.

— Tem a certeza de que era meio-dia?

— Tinha acabado de ouvir o sino da Westerkerk a dar horas e as pessoas na rua saíam para almoçar. — Volta a olhar para o papel para ver onde ia. — Às quatro e um quarto, também cá estava, porque fui avisá-la de que o Christoffel, o meu moço dos recados, vinha cá deixar uma coisa, e ela precisava de ficar em silêncio. Estava cá às cinco e meia, porque lhe perguntei se queria lançar; respondeu-me que estava com dor de cabeça e que ia deitar-se. Logo a seguir, a minha vizinha, a Sra. Veenstra convidou-me a ir a casa dela. O filho, o Koos, ainda não estava em casa e ela receava por ele. Depois de estar com ela durante uma hora, o Koos apareceu a subir a rua. Furou-se um pneu da bicicleta e o rapaz teve de caminhar durante 25 quilómetros. Fui para casa e chamei pela Mirjam para lhe perguntar se estava a sentir-se melhor. Ela não me respondeu. Presumi que tivesse adormecido. Pouco depois, abri a porta para ver se precisava que lhe levasse alguma coisa.

— E ela já não estava lá?

— Desapareceu. A cama estava vazia. O casaco sumiu-se. Os sapatos também. A Mirjam desapareceu.

— E isso foi a que horas?

— Por volta das dez da noite. Já passava da hora do recolher obrigatório. Algures entre as cinco e meia, quando me disse que ia deitar-se, e as dez da noite, a Mirjam desapareceu e não há uma explicação para isso.



Depois de acabado o relato, dobra o papel e começa a guardá-lo no bolso, mas entretanto entrega-mo. Ao lado dos bicos do fogão da Sra. Janssen está uma caixa de fósforos. Tiro um, passo-o na caixa e deixo o trabalho de detetive da Sra. Janssen arder até se transformar apenas em fumo e cinza.

— O que estás a fazer? — pergunta.

— O que está *a senhora* a fazer? A guardar registos sobre uma rapariga que escondeu ilegalmente na sua casa?

Ela esfrega a testa.

— Não pensei nisso. Não conheço estas novas regras. É por isso que preciso da tua ajuda, Hanneke.

O sino de Westerkerk volta a tocar ao longe. Passou-se mais um quarto de hora. Antes, estava a usar as horas como uma desculpa para me ir embora, mas agora está realmente a ficar tarde. Cruzo os braços por cima do peito.

— Esteve em casa de uma vizinha durante uma hora. A Mirjam não podia ter saído durante esse tempo?

— A Sra. Veenstra vive do outro lado da rua. Estivemos sentadas nos degraus da frente, que ficam virados para a minha casa; ontem não estava muito frio. A Mirjam não podia ter saído pela porta da frente sem que a tivesse visto.

— Tem uma porta nas traseiras? — Não devia estar a alimentar-lhe a esperança com perguntas destas, porque não planeio ajudá-la. Mas a situação que descreve é estranha e inacreditável e continuo com a sensação de que deve estar a explicar-se mal.

— A porta de trás não fecha bem — há anos que está assim. Costumava ficar tão zangada com o Hendrik; um marceneiro que não tem tempo para arranjar a porta da sua própria casa. Até que no ano passado me fartei de andar sempre a pedir-lhe que a arranjasse e tratei de instalar eu mesma um ferrolho na porta. Quando vi que a Mirjam desapareceu, fui verificar o ferrolho.

Continuava fechado. Ela não pode ter saído pela porta das traseiras e fechado o ferrolho no interior.

— Pode ter saído por uma janela? — Parece improvável, mesmo quando ouço as palavras a saírem-me da boca. Este bairro é abastado e o tipo de lugar onde as pessoas reparariam em coisas invulgares, como raparigas a sair pelas janelas.

— Por uma janela não. Não entendes? Ela não tinha como sair daqui. E também não tinha motivo para o fazer. Este era o último lugar seguro onde podia estar. Mas também não pode ter sido descoberta. Porque se os nazis a tivessem vindo buscar, ter-me-iam levado também.

Tem de haver uma explicação racional. A Sra. Janssen deve ter virado costas durante alguns minutos enquanto estava com a Sra. Veenstra e não viu a rapariga a sair. Ou talvez se tenha enganado nas horas e a Mirjam saiu enquanto ela dormia a sesta a seguir ao almoço.

Na verdade, a explicação não importa. Por muito triste que seja a sua história, não a posso ajudar. É demasiado perigoso. A sobrevivência está primeiro. É este o meu lema de guerra. Depois do que aconteceu com o Bas, pode muito bem ser o meu lema de vida. A sobrevivência está primeiro, apenas a sobrevivência. Eu costumava ser uma pessoa despreocupada e olhem onde isso me levou. Agora transporto artigos do mercado negro, mas só porque é o que me dá de comer, a mim e à minha família. Namorisco com os soldados alemães, mas só porque isso me mantém a salvo. Encontrar uma rapariga desaparecida não faz absolutamente nada por mim.

O ranger da porta da frente a abrir chega-nos até à cozinha e logo de seguida ouve-se a voz de um rapaz a chamar:

— *Hallo!* — mais ao longe, ouve-se um cão a ladrar. Quem está aqui? A Gestapo? O NSB? Odiamos a Gestapo e a Polícia Verde, mas aquele que odiamos verdadeiramente é o Movimento

Nacional Socialista dos Países Baixos. São os nazis holandeses, aqueles que traíram o seu próprio povo.

Os olhos da Sra. Janssen arregalam-se até conseguir situar a voz.

— Christoffel estou na cozinha! — diz em voz alta. — Esqueci-me que ele ainda cá voltava hoje — murmura para mim.

— Pega no café. Age normalmente.

O Christoffel é o moço dos recados. Tem o cabelo encaracolado e louro, olhos grandes e azuis e a pele suave de alguém que ainda agora se começou a barbear.

— Sra. Janssen? — Mexe no boné com nervosismo, desconfortável por nos ter interrompido. — Vim por causa da cama dobrável? Foi a esta hora que disse para eu vir, não foi?

— Sim, claro que sim. — Começa a levantar-se, mas o Christoffel faz sinal para que fique sentada.

— Eu desenrasco-me sozinho. Tenho ali um carrinho e um amigo à minha espera para me ajudar. — Assente em direção à janela, onde um rapaz alto e corpulento acena na rua.

Quando ele sai para ir buscar o carrinho e o amigo, a Sra. Janssen vê o meu rosto alarmado e tranquiliza-me.

— Não, não é *essa* cama. Não é a da Mirjam. É a outra que está no escritório do Hendrik. Eu já quase não entro nessa divisão. Pedi ao Christoffel se me conseguia arranjar um comprador para a cama e ia usar o dinheiro da venda para ajudar a alimentar a Mirjam.

— E agora?

— Agora vou usar o dinheiro para te pagar pela tua ajuda. — Estou a abanar a cabeça em protesto, mas ela interrompe-me. — Tens de a encontrar, Hanneke. Os meus filhos mais velhos... posso nunca mais os ver. O meu filho mais novo está morto, o meu marido morreu ao tentar proteger a família da Mirjam e a sua família morreu ao tentar proteger o meu marido. Não tenho

mais ninguém, e ela também não. Eu e a Mirjam temos de ser a família uma da outra. Não deixes que a perca. Por favor.

O ranger das rodas do carrinho do Christoffel poupa-me a uma resposta. Ele e o amigo prenderam a cama desdobrável da Sra. Janssen. É mais ornamentada do que a que está na despensa, a madeira é suave, está envernizada e ainda cheira levemente ao óleo de limão para mobílias.

— Sra. Janssen? Vou-me embora agora, está bem? — diz ele.

— Espera — digo-lhe. — Sra. Janssen, talvez não precise de vender a cama agora. Espere um dia para pensar melhor. — É a minha forma de lhe dizer que não vou estar aqui para ajudá-la na sua busca.

— Não. Vou vendê-la agora — diz ela com determinação. — Tem de ser. Christoffel, quanto te devo pelo trabalho de a vires buscar?

— Não deve nada, Sra. Janssen. Fico satisfeito por poder ajudar.

— Eu insisto. — Pega na bolsa que está em cima da mesa e começa a contar o dinheiro que tira de um pequeno porta-moedas. — Oh, céus. Pensei que tinha...

— Não é mesmo necessário — insiste o Christoffel. Corou novamente e olha para mim, mortificado, em busca de ajuda.

— Sra. Janssen — digo suavemente —, o Christoffel tem outras entregas. Porque não o deixamos ir embora?

Ela para de procurar na bolsa e fecha-a, envergonhada. Assim que o Christoffel sai, a Sra. Janssen deixa-se cair na cadeira. Tem um ar cansado e velho.

— Ajudas-me? — pergunta.

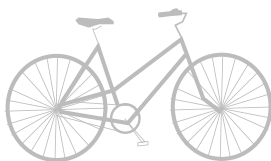
Bebo o resto do café frio. Que resultado espera ela que eu possa obter? Nem sequer saberia por onde começar. Mesmo que a Mirjam tenha conseguido fugir, até onde poderia chegar uma rapariga judia de 15 anos com uma estrela amarela cosida na roupa?

Não preciso de aceitar o dinheiro da Sra. Janssen para saber o que acontece a uma rapariga como a Mirjam, se é que não aconteceu já: vai ser capturada e realojada num campo de trabalho na Alemanha ou na Polónia, o tipo de campo de trabalho de onde ainda ninguém regressou. Mas como é que ela conseguiu sair de casa?

Tem de haver uma explicação racional, repito para comigo. As pessoas não desaparecem simplesmente.

Na verdade, isto também é mentira. Durante esta ocupação, todos os dias as pessoas desaparecem simplesmente. Centenas de pessoas, retiradas das suas casas.

Como pode a Sra. Janssen esperar que eu encontre uma dessas pessoas?



## TRÊS

Quando chego a casa, os lábios da minha mãe estão comprimidos numa linha fina.

— Estás atrasada. — Recebe-me à porta; deve ter estado a olhar pela janela.

— É meio-dia e um quarto.

— É meio-dia e dezanove.

— Quatro minutos, mamã?

O nosso apartamento cheira a pastinacas fritas e salsichas, que trouxe para casa ontem. É um espaço pequeno: tem uma sala de estar, uma cozinha, uma casa de banho e dois quartos minúsculos, tudo no segundo andar de um edifício de cinco pisos. Aconchegante.

O meu pai está a ler um livro na sua poltrona, com a ajuda de um apoio que fez para manter o livro direito enquanto vira as páginas com o seu braço bom, o esquerdo. O braço direito mirrado está encostado ao lado do corpo.

O ferimento ocorreu antes de eu nascer, durante a Grande Guerra. O meu pai vivia no lado da Flandres, junto à *Dodendraad*, que é uma vedação elétrica construída para separar a Bélgica ocupada da Holanda. A minha mãe vivia no lado da Holanda. Ele queria saltar por cima da vedação para a impressionar. Já o tinha feito antes. Da primeira vez que me contou a história, não acreditei nele, mas depois o meu pai mostrou-me um livro: as pessoas conseguiam atravessar a Vedação da Morte das formas mais idiotas que se possam imaginar, usando escadas altas ou forrando a roupa com pedaços de porcelana para desviar o choque. Daquela vez, quando tentou atravessar, o sapato bateu no arame e o meu pai caiu desamparado no chão. E foi assim que imigrou para a Holanda.

Desde então, o lado direito do seu corpo, desde a parte de baixo da perna ao meio do rosto, ficou paralisado, por isso o meu pai tem uma forma lenta e arrastada de falar. Quando era criança, isto envergonhava-me, mas agora já quase não reparo.

O papá puxa-me suavemente para baixo e murmura-me ao ouvido:

— A tua mãe está ansiosa porque eles vieram à procura do Sr. Bierman. Sê simpática para ela.

O Sr. Bierman é o dono da frutaria do outro lado da rua. Há meses que os judeus já não podem ser proprietários de negócios, mas a mulher dele é cristã e ele transferiu tudo para o nome dela. Não têm filhos, apenas um gato branco meloso chamado *Neve*.

— Eles quem? — pergunto. — Aquela escumalha do NSB?

O papá encosta um dedo aos lábios e a seguir aponta para o teto.

— Shhh. — O nosso vizinho de cima é do NSB. A mulher dele costumava fazer-me tranças no cabelo e bolachas de especiarias no Dia de São Nicolau. Atrás de mim, a minha mãe faz barulho com o tabuleiro do almoço, pousando-o na nossa pequena



mesa, por isso dou um beijo na outra face do meu pai e sento-me no meu lugar.

— Porque te atrasaste, Hannie? — pergunta a minha mãe.

— Para te ensinar a não entrar em pânico quando só passam *quatro minutos* da hora a que chego habitualmente.

— Mas tu nunca te atrasas.

*Também nunca me pediram para encontrar uma rapariga desaparecida*, penso. Mesmo sem querer, imagino novamente a Sra. Janssen preocupada com a despensa vazia.

A minha mãe serve-me uma concha cheia de pastinacas. Cá em casa comemos melhor do que muita gente. Se os meus pais saíssem de casa mais vezes, iriam provavelmente começar a questionar-se o que faço na realidade para conseguir trazer tanta comida para casa.

— Não aconteceu nada de especial. — A salsicha apimentada aquece-me a boca. — Um polícia alemão parou-me a meio do caminho. — Isto é verdade, claro. Só não menciono que aconteceu de manhã, antes de saber da existência da Mirjam.

— Espero que não o tenhas provocado — diz a minha mãe com brusquidão. Eu não sou a única pessoa da família que mudou com a guerra. Ela costumava dar aulas de música no nosso apartamento e Chopin flutuava pelas nossas janelas fora. Agora já ninguém tem dinheiro para música, ou para os trabalhos de tradução que o meu pai costumava fazer.

— Ele falava holandês — digo, para responder sem lhe responder de verdade. — E parecia fluente.

O meu pai resfolega.

— Andámos a engordá-los depois da última guerra para agora regressarem e matarem-nos à fome. — Depois da Primeira Guerra Mundial, a Alemanha ficou tão empobrecida que muitas famílias enviaram os seus filhos para a Holanda, para crescerem fortes com os queijos e leite holandeses. Sem nós, teriam morrido.

Agora, alguns dos rapazes transformaram-se em homens e voltaram.

— Quando tens de voltar ao trabalho? — pergunta a minha mãe.

— Ainda tenho 20 minutos.

Oficialmente trabalho como rececionista numa casa mortuária. Não é o emprego dos meus sonhos, mas não tinha muitas opções. Ninguém queria contratar uma rapariga jovem sem experiência e sem conhecimentos de datilografia. O Sr. Kreuk também não queria, mas não lhe dei muitas hipóteses. Quando vi o anúncio a dizer ADMITE-SE FUNCIONÁRIO, já tinha sido rejeitada em sete lojas e recusei-me a sair até ele me dar o emprego.

O Sr. Kreuk é um bom homem. Paga-me um salário justo. E deu-me um segundo trabalho, secreto, que me rende ainda mais dinheiro.

Na Holanda, e provavelmente no resto da Europa, os alemães emitiram carteiras de racionamento com senhas para comida, roupa, querosene, borracha. Os jornais dizem-nos o que podemos comprar: meio quilo de açúcar, dois litros de leite, dois quilos de batatas. É aqui que o Sr. Kreuk entra. O Sr. Kreuk usa as senhas dos mortos para armazenar mantimentos, que depois vende a um preço inflacionado. Pelo menos acho que é assim que funciona. Não lhe faço muitas perguntas. A única coisa que sei com toda a certeza é que há alguns meses, o Sr. Kreuk veio ter comigo com um maço de senhas e me pediu para ir comprar algumas coisas.

A primeira vez que o fiz foi assustadora, mas tinha ainda mais medo de perder o emprego, e algum tempo depois tornei-me mesmo muito boa nisto; depois comecei a sentir que o que fazia era quase nobre. Porque quem começou por nos obrigar a seguir o racionamento foram os nazis e ao derrotar o seu sistema,

sinto que estou a derrotá-los também. Carne de porco a um preço exorbitante: a única vingança que posso exercer contra as pessoas que mataram o Bas. É pouco, mas agarro-me a qualquer pequena satisfação.

O que fazemos é tecnicamente ilegal. Pode dizer-se que tiramos proveito da guerra. Mas o Sr. Kreuk não é rico, e eu muito menos. Acho que o que estamos realmente a tentar fazer é reorganizar um sistema que não faz sentido nenhum, num país que também já pouco sentido faz.

— *Hannie*. — A minha mãe está obviamente a tentar chamar a minha atenção. — Perguntei o que disseste à Polícia Verde.

*Mas ainda está a pensar nisto porquê?* Se a minha mãe fizesse uma ideia de quantos soldados encontro todas as semanas.

— Disse-lhe para sair do meu país e nunca mais voltar. Sugeri que fizesse coisas desagradáveis com bolbos de tulipas.

A minha mãe tapa a boca, horrorizada.

— *Hannie!*

Suspiro.

— Fiz o que faço sempre, mãe. Desenvencilhei-me dele tão depressa quanto possível.

Mas a minha mãe já não estava concentrada em mim.

— *Johan*. — A voz transformou-se num murmúrio, enquanto agarrava o braço bom do meu pai. — *Johan*, eles voltaram. Escuta.

Também os oiço. Estão a gritar do outro lado da rua e corro para a janela para espreitar por detrás das cortinas.

— *Hannie* — a minha mãe avisa-me, mas como não saio de pé da janela, desiste. Três agentes do NSB, com os seus uniformes pretos, batem bruscamente à porta dos Biermans, ordenando o Sr. Bierman a sair.

A mulher vem abrir a porta e a mão treme-lhe tanto que os seus tremores são visíveis mesmo do outro lado da rua.

— O seu marido devia ter-se apresentado na semana passada para a deportação — diz o agente com ar mais velho. A nossa rua é estreita e ele não está propriamente a falar baixo. Consigo ouvir quase tudo o que ele diz.

— Ele... ele não está aqui — diz a Sra. Bierman. — Não sei onde ele está. Há dias que não o vejo.

— Sra. Bierman.

— Juro. Não o vi. Quando cheguei a casa vinda das compras, ele já cá não estava. Procurei pela casa toda.

— Afaste-se — ordena o agente. Quando a Sra. Bierman não obedece, ele empurra-a e entra em casa. A minha mãe veio colocar-se ao meu lado. Agarra-me no braço com tanta força que sinto as unhas cravadas na camisola. *Por favor, faz com que o Sr. Bierman não esteja mesmo em casa, suplico mentalmente. Por favor, faz com que tenha saído mesmo de casa quando a Sra. Bierman foi às compras.*

Os lábios da minha mãe estão a mexer-se. Acho que está a rezar, embora já não o façamos. Os soldados reaparecem à porta, a arrastar um homem. É o Sr. Bierman, que vem a sangrar do nariz, com o olho direito rasgado e inchado.

— Boas notícias, Sra. Bierman — diz o soldado. — Encontrámos o seu marido.

— Lotte! — grita o Sr. Bierman, enquanto o obrigam a ir para uma camioneta.

— Pieter — diz ela.

— Devia levá-la também, sabia, para lhe fazer companhia — sugere o agente. — Mas sinto-me mal em castigar uma boa mulher cristã, que é demasiado estúpida para saber onde está o marido. — O agente está de costas para mim e não consigo ver o seu rosto, mas ouço claramente o tom trocista da sua voz.

— Não faz mal, Lotte — diz o Sr. Bierman da camioneta. — Daqui a pouco tempo já estou em casa.

Ela continua sem chorar. Não faz mais nada a não ser observar e abanar a cabeça para um lado e para o outro, como se quisesse dizer, *Não. Não estás.*

A camioneta afasta-se e a Sra. Bierman continua parada à soleira da porta. Sinto que é uma intrusão estar a observá-la, mas não consigo afastar os olhos. A Sra. Bierman também costumava oferecer-me presentes no dia de São Nicolau. E quando íamos à frutaria deles, ela deixava-me sempre provar os morangos, mesmo que não comprássemos nenhuns.

A minha mãe afasta-me da janela puxando-me pela camisola, até à mesa.

— Acaba de comer — diz com rigidez. — Isto não nos diz respeito; não podemos fazer nada.

Sacudo a sua mão, preparada para resmungar, para a lembrar dos Biermans e dos seus morangos. Mas ela tem razão. Não há nada que eu possa fazer para reparar o que acabou de acontecer.

Acabamos de comer quase em silêncio. A minha mãe ainda tenta fazer conversa uma ou duas vezes, mas as suas tentativas desmoronam-se. A comida não sabe a comida. Quando já não aguento mais, peço licença e digo que tenho algumas coisas para fazer antes de voltar ao trabalho.

— Não te atrases. O teu trabalho é bom — lembra-me a minha mãe. Adora o meu emprego. Sabe que o meu ordenado é a única fonte de rendimento regular cá de casa. — Não vais querer que o Sr. Kreuk comece a duvidar se fez bem em contratar-te.

— Ele não duvida.

Quero ter apenas um minuto longe dos meus pais, longe do trabalho — um minuto para me afastar do resto do mundo. Uma vez no meu quarto, fecho as cortinas e abro a última gaveta da escrivaninha, tateando no fundo até o encontrar: um diário puído, que me ofereceram quando fiz 9 anos. Escrevi com dedicação

durante uma semana, descrevendo os amigos de quem gostava e os professores que eram maus para mim. Depois abandonei-o durante cinco anos e só voltei a pegar nele quando conheci o Bas, altura em que transformei o diário num caderno de recortes.

Esta é a fotografia da escola que ele me deu, pedindo casualmente a minha em troca. Este é o bilhete que deixou à socapa entre os meus livros, dizendo que a minha camisola verde condizia com os meus olhos. Assinou-o *B* e foi a primeira vez em que me apercebi que preferia *Bas* a *Sebastiaan*. Era uma alcunha retirada do meio do nome, como é habitual acontecer com os rapazes holandeses, que escolhem a sílaba do meio e não a do início dos nomes.

Este é o bilhete do primeiro filme que fomos ver ao cinema. Nesse dia, implorei à minha melhor amiga, a Elsbeth, que viesse também, não fosse o gato comer-me a língua por estar perto do Bas. Esta recordação é duplamente dolorosa, porque também já não tenho a Elsbeth na minha vida; ela desapareceu de uma forma diferente.

Este é o bilhete do segundo filme.

Este é o lenço de papel que usei para retirar o excesso de batom dos lábios na noite em que ele me beijou pela primeira vez.

Este é o lenço que usei para secar as lágrimas na noite em que me disse que assim que fizesse 17 anos se ia voluntariar para ir para o Exército. Esta é a madeixa de cabelo que me deu na véspera da partida, na festa de despedida. Também lhe dei um presente; um medalhão com a minha fotografia lá dentro. É por isso que consigo adivinhar o que as raparigas alemãs fazem. Era tão estúpida nessa altura.

Fecho o diário rapidamente, enfio-o no fundo da gaveta e tapo-o com roupas. Estou a pensar no Bas, e sem querer, estou a pensar também na Mirjam Roodveldt. Sinto-me aborrecida

comigo mesma por isso, por perder tempo a pensar na rapariga desaparecida da despensa, sobre quem não sei absolutamente nada e cuja busca pode meter-me em sarilhos.

Só que sei uma coisa sobre ela: a revista de cinema que estava na prateleira da despensa — tenho quase a certeza de que a página onde estava aberta tinha uma fotografia de *O Feiticeiro de Oz*, um filme sobre uma rapariga que é apanhada por um tornado e acorda numa terra mágica. Quero desesperadamente ver este filme, mas quando a guerra deflagrou ele ainda não tinha chegado à Holanda. Por isso, nunca vi *O Feiticeiro de Oz*, mas agora estou a pensar na Judy Garland a cantar na sala do Bas, quando estávamos no sofá e ele me disse que me amava. Rimo-nos durante muito tempo e memorizámos a letra da canção.

O Bas teria concordado em ajudar a Sra. Janssen. Tenho a certeza disso, sem qualquer espécie de dúvidas. Ele teria dito que esta era a nossa oportunidade para fazermos alguma coisa real e importante. Teria falado nisto como se fosse uma aventura. As suas palavras teriam sido qualquer coisa como: *Obviamente, também vais decidir ajudá-la; a rapariga que eu amo concordaria com absolutamente tudo o que eu digo*, porque o Bas não sabia nada sobre o tipo de rapariga que eu sou agora.

E o que lhe responderia? Algo do género: *Achas que ia concordar com tudo o que dizes? És muito convencido*. Ou então: *Os meus pais dependem de mim para que possamos viver. Ajudar a Sra. Janssen significa colocar em perigo a minha família inteira*. Ou ainda: *As coisas agora são diferentes, Bas. Não sabes como é*.

Dava o que fosse preciso para lhe poder dizer alguma coisa agora. Qualquer coisa.

Encontrar esta rapariga já não faz parte daquilo que sou. É um ato de carinho, e eu sou prática. É um ato de esperança, quando não tenho nenhuma. O mundo enlouqueceu e eu não o posso mudar.



Então, porque continuo a pensar na Mirjam Roodveldt?

Então, por que motivo tenho a certeza de que, a não ser que consiga dissuadir-me, esta tarde vou voltar a casa da Sra. Janssen?

Um livro de extraordinária beleza, que faz lembrar  
clássicos como *A Rapariga Que Roubava Livros*  
e *O Rapaz do Pijama às Riscas*.  
Inesquecível!

Amesterdão, 1943. Enquanto a Europa é engolida pelo véu nazi, Hanneke percorre diariamente as ruas da cidade. Com apenas 18 anos, ela consegue arranjar os bens raros que as pessoas procuram no mercado negro: chocolate, café, tecidos... Pequenos pedaços de normalidade, preciosos em tempos de conflito. E Hanneke fá-lo apenas por dinheiro! Não há espaço para bondade num mundo devastado por uma guerra que lhe roubou a vida e os sonhos.

Até ao dia em que uma das clientes de Hanneke lhe faz um pedido tão perigoso quanto desafiante: que encontre a pequena Mirjam, uma rapariga judia que a senhora mantinha escondida em casa. A única pista que Hanneke tem é que, no dia em que desapareceu, Mirjam vestia um casaco azul.

Contrariando o seu instinto, Hanneke decide procurar a rapariga. O que ela não sabe é que, ao procurar a pequena Mirjam, vai reencontrar uma parte de si mesma, aquela que Hanneke pensava ter sido completamente destruída com o som das primeiras bombas.

Uma história poderosa e envolvente.  
Um olhar sobre a cidade de Anne Frank  
e sobre a força daqueles que, com pequenos gestos,  
lutaram contra o terror nazi.

**TOPSELLER**

os livros em primeiro lugar

20|20 editora

ISBN 978-989-8869-16-6



9 789898 869166

Romance Histórico